Bancos dos EUA rejeitam idéia de novo empréstimo

9 OUT 1985
RÉGIS NESTROVSKI
Especial para O GLOBO

NOVA YORK — Os banqueiros americanos não estão dispostos a conceder US\$ 3 bilhões em novos créditos ao Brasil no próximo ano. Eles não sabem se o dinheiro novo de que o País precisa, como afirmou em Seul o Ministro da Fazenda, Dilson Funaro, será emprestado apenas pelos bancos ou por entidades internacionais, mas consideraram a soma elevada:

— Acho isto muita coisa. Estávamos pensando que o Brasil necessitaria apenas da extensão das linhas comerciais. Quando houve a troca do Ministro Francisco Dornelles por Dilson Funaro, o Ministro do Planejamento, João Sayad, declarou que o Brasil não pediria dinheiro novo. Não há necessidade de novos créditos a curto prazo, só a longo prazo. Creio que isto é uma ação política, pois as reservas do Brasil estão em torno de US\$ 10 bilhões. Isto só beneficiaria o Banco Central, que ficaria com dinheiro em caixa — disse um credor americano.

O banqueiro estava surpreso com a notícia de Seul, de que o Brasil reiniciaria os contatos com o FMI em novembro.

Todas estas notícias mostram uma mudança de estratégia do Governo brasileiro. Dentro da proposta do Secretário do Tesouro, James Ba-

ker, o Banco Mundial teria um papel mais importante e o Brasil voltaria a apoiar o FMI. Vai ser também difícil justificar aos bancos o aumento das despesas com dinheiro novo. Sobre o FMI, o que se comentava é Brasil fecharia um acordo, só para que o monitoramento, sem mais créditos. Em geral, vejo uma mudança de posição. Para os bancos isto é um choque.

Os jornais americanos comentam a reunião de Seul. "The Wall Street Journal", em editorial intitulado "Os três mosqueteiros de Seul", afirma que o secretário do Tesouro, James Baker, o Presidente do Federal Reserve, Paul Volcker, e do Diretor Gerente do FMI, Jacques de Larosière, vão decidir quanto o Terceiro Mundo vai receber. Segundo o jornal, países como Brasil, México e Argentina não têm muito o que fazer a não ser ouvir.

Já "The Washington Post" comenta que não há dinheiro público suficiente no mundo para suprir Brasil, Argentina e México e que os fundos dos bancos terão que entrar neste pacote. O jornal pede um maior envolvimento do Japão na dívida externa: "Até aqui, os japoneses têm gozado dos maiores superávits comerciais da história, através da compra de dólares e consumo americano. Por que não compram pesos, cruzeiros e austrais? Os riscos seriam maiores mas o mundo em geral seria beneficiado", conclui.